

Ativismo transnacional e mobilização de atores políticos acionados pela hashtag #palestine no conflito russo-ucraniano

[Transnational activism and mobilization of political actors by the hashtag #palestine in the Russian-Ukrainian conflict]

REVISTA
compolítica

Revista Compolítica

Ano 2023, v. 13, n.1

<http://compolitica.org/revista>

ISSN: 2236-4781

DOI: 10.21878/compolitica.2023.13.653

Daniela Osvald Ramos

Universidade de São Paulo (USP)

[University of São Paulo]

Vitória Paschoal Baldin

Universidade de São Paulo (USP)

[University of São Paulo]

Resumo

Este artigo investiga o compartilhamento de imagens no Twitter relativas à causa palestina de maneira associada à cobertura do conflito russo-ucraniano. O objetivo é compreender a configuração de tais imagens, os elementos que as mobilizam e as demandas que difundem nas mídias digitais. Para tanto, partiu-se do levantamento de imagens compartilhadas com a hashtag #palestine ao longo do primeiro mês do conflito. Argumenta-se que a principal demanda presente nesses tweets diz respeito às distintas formas como a mídia e os agentes políticos internacionais significam os conflitos e os combatentes. Além disso, a atual repercussão do conflito na Ucrânia tem sido utilizada estrategicamente para apresentar a questão palestina para públicos mais amplos, em uma mobilização sistemática da lógica algorítmica do Twitter.

Palavras-chave: Conflito palestino-israelense; Ucrânia; ciberativismo; memes; comunicação visual.

Abstract

This article investigates the images shared on Twitter regarding the Palestinian cause associated with the coverage of the Russian-Ukrainian conflict to understand their configuration and mobilizing elements and which demands they spread in digital media. By analyzing the images shared with the hashtag #palestine during the first month of the conflict, we argue that their main demand concerns the different ways in which the media and international political agents signify the conflicts and the fighters. Moreover, the current repercussions of the Ukrainian conflict have been used strategically to present the Palestinian issue to wider audiences, in a systematic mobilization of Twitter's algorithmic logic.

Keywords: Palestinian-Israeli conflict; Ukraine; cyberactivism; memes; visual communication.

Ativismo transnacional e mobilização de atores políticos acionados pela hashtag #palestine no conflito russo-ucraniano

Daniela Osvald RAMOS
Vitória Paschoal BALDIN

No segundo semestre de 2021 emergem no cenário da diplomacia novas tensões entre Rússia e Ucrânia, provenientes da expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) em direção ao leste e associadas ao aumento dos debates em torno da região separatista do leste da Ucrânia. Tal crise chega às vias de fato quando, em 24 de fevereiro de 2022, o presidente russo Vladimir Putin ordena o início de “operação militar especial” na região de Donbas, controlada por separatistas pró-Rússia. Como esperado, a cobertura internacional dedicou atenção ao conflito, em que análises de naturezas diversas refletem sobre as motivações e os efeitos do confronto na economia, política e cultura internacional.

A mídia, portanto, apresentou-se como um importante canal para que a comunidade internacional pudesse compreender os eventos e as experiências do conflito. Atualmente, as redes sociais digitais possibilitam maior independência em relação às mídias tradicionais, permitindo que os usuários selecionem, acompanhem e compartilhem os eventos que lhe interessam para representar e significar esses conflitos. As mídias – tradicionais e digitais – têm sido substancialmente utilizadas pelos diferentes atores do conflito na Ucrânia como maneira de difundir informações e disseminar seus discursos, articulados a posições ideológicas diversas.

Nesse cenário, apenas alguns dias após a deflagração do conflito, Charlie D’Agata, correspondente da Columbia Broadcasting System (CBS) em Kyiv, declarou o seguinte enquanto reportava o início da guerra:

Dezenas de milhares de pessoas tentaram fugir da cidade, haverá muito mais. As pessoas estão se escondendo em abrigos antiaéreos. Mas este não é um lugar, com todo o respeito, como o Iraque ou o Afeganistão, que vive o conflito há décadas. Você sabe, esta é uma cidade relativamente civilizada, relativamente europeia, eu tenho que escolher essas palavras com cuidado também, cidade onde você não esperaria isso ou esperaria que isso acontecesse.¹

¹ Comentário ao vivo do correspondente Charlie D’Agata, da CBN, sobre o conflito russo-ucraniano em 25 de fevereiro de 2022. Tradução nossa. Disponível em: <<https://twitter.com/ItsMutai/status/1497819278686527488>>. Acesso em 23 mar. 2022.

Essa declaração repercutiu imediatamente nas redes sociais, evocando discursos relativos ao Orientalismo (Said, 2007), ao racismo presente na mídia ocidental e ao *bias* midiático² ao cobrir e repercutir conflitos em regiões não europeias (Bayoumi, 2022; White, 2022). A partir disso, perfis engajados com causas relativas a grupos minoritários e conflitos em diversos países produziram e compartilharam imagens nas redes sociais reagindo ao comentário. Um exemplo foi a publicação do Metras Global (@metras_global) no Instagram e no Twitter, compartilhada nas diferentes redes do grupo, que organizou diversas imagens como evidência visual da hipocrisia do ocidente, autoproclamado “civilizado” (Figura 1).

Figura 1: Captura de tela da sequência postada por Metras Global no Twitter em 2 de março de 2022



Fonte: Disponível em: https://twitter.com/Metras_global Acesso em 23 mar 2022.

² Compreendemos o viés, ou *bias*, midiático como conceito relativo às percepções de parcialidade nas representações na mídia. Como Hartley (2012) aponta, as alegações de viés são baseadas na suposição de que a mídia deveria apresentar a realidade de modo objetivo. Apesar da compreensão da mídia como um processo de significação, o atual estudo utiliza o conceito de *bias* em decorrência de sua posição central nas comunicações analisadas.

A Palestina apresenta grande destaque nas mobilizações críticas ao comentário de D'Agata, tendo em vista a histórica importância da atenção transnacional para a causa nacional (de Vries *et al.*, 2017; Durante; Zhuravskaya, 2018). Nesse cenário, diversas comunicações emergem nas plataformas digitais articulando o conflito russo-ucraniano com a questão palestina, questionando as maneiras pelas quais a mídia representa e significa de maneira distinta esses conflitos.

Assim, neste artigo analisam-se as imagens compartilhadas com a hashtag *#palestine*³ no Twitter entre 24 de fevereiro e 24 de março de 2022 que articulavam a causa palestina com a cobertura midiática do conflito russo-ucraniano. O objetivo central é compreender como a causa palestina é visualmente representada nesse panorama, articulando pautas relativas à atenção midiática e a agentes políticos internacionais. Além disso, busca-se observar as demandas apresentadas pelos ativistas da causa palestina nessas comunicações. Ainda, pretende-se entender como os movimentos sociais contemporâneos utilizam as redes digitais para angariar apoio, enfrentando o imediatismo e o individualismo (Barassi, 2015; Sodré, 2021).

Esta pesquisa pretende ir além da abundante bibliografia (Alper, 2014; Chouliaraki, 2015; Mortensen, 2014; Sontag, 2012, para citar alguns) sobre a utilização da fotografia como ferramenta de ativismo por meio das redes sociais, explorando também imagens de outra natureza. Assim, parte-se do entendimento de que os estudos sobre a circulação digital de imagens não podem se restringir ao papel da fotografia, tendo em vista o vasto repertório visual que usuários e ativistas mobilizam. Dessa maneira, deliberadamente construiu-se o corpus do estudo priorizando, quando possível, imagens de outra natureza⁴, de modo a também analisar memes, charges, grafites e outras composições.

O artigo está organizado em quatro seções além dessa introdução. Inicialmente, nos debruçamos sobre as relações entre ativismo e as novas tecnologias de comunicação e informação (TICs), postulando questões fundamentais para construção dessa problemática. Em seguida, discorremos sobre os procedimentos metodológicos utilizados para a realização do estudo. Os resultados obtidos são descritos na sequência. E, finalmente, discutimos e analisamos esses resultados. Argumentamos que a reivindicação presente nessas imagens se relacionava não apenas com a atenção midiática em si,

³A escolha por buscar as imagens a partir de uma hashtag decorre do entendimento que essa é uma das funcionalidades (*affordances*) características do Twitter. As hashtags possibilitam criar agrupamentos e facilitam o acompanhamento de determinados tópicos.

⁴Vale ressaltar, contudo, que não houve prevalência de imagens de natureza puramente fotográfica, tendo em vista que as comunicações buscavam discutir e refletir sobre a causa Palestina a partir do enquadramento do atual conflito na Ucrânia, e não documentar ou registrar eventos específicos, em que a fotografia, enquanto linguagem, se destaca (Sontag, 2012).

mas com a maneira pela qual a mídia significa o conflito e os combatentes. Também se refletiu como os agentes da política internacional tinham atitudes díspares em relação aos conflitos, apesar do entendimento por parte dos ativistas da natureza semelhante dessas violências. Além disso, ao longo deste estudo foi possível observar que os ativistas da causa palestina têm sistematicamente utilizado a repercussão midiática e o engajamento nas redes sociais sobre o conflito russo-ucraniano para inserir a questão palestina em diferentes debates. Isto é, a utilização de hashtags ligadas a tal contexto foi mobilizada em diversas comunicações relativas ao ativismo palestino, como notícias e discussões contemporâneas da causa nacional e demandas por solidariedade transnacional.

Ativismo e plataformas digitais

Estudos já apontaram as relações entre as novas tecnologias digitais e movimentos sociais, observando como as novas mídias são mobilizadas para promover mudanças políticas (Lievrouw, 2011; Bishara, 2010; Cammaerts; Mattoni; Mccurdy, 2013). De maneira semelhante, a utilização das mídias para lutas políticas e socioculturais tem sido tópico para reflexões na área da comunicação e da cultura, a partir, por exemplo, de noções relativas à “mídia cidadã” (Rodriguez, 2000) e “mídia ativista” (Waltz, 2005). Essas abordagens enfatizam que as novas mídias ampliam a possibilidade de alcance do ativismo, favorecendo a mobilização e organização de ações coletivas. Como Barassi (2015) aponta, o desenvolvimento da *web 2.0* possibilitou maior participação, interatividade e a produção de conteúdo pelo próprio usuário. Neste cenário, pesquisadores como Jenkins (2008) e Castells (2009) apontam que a nova *web* oferecia possibilidades inéditas de cooperação e engajamento. Apesar disso, outros estudos (Mcchesney, 2013; Barassi, 2015; Morozov, 2018; Zuboff, 2021) tem complexificado esse cenário, compreendendo que as TICs, em simultâneo, fortaleceram novas formas de exploração capitalista e vigilância.

Contudo, é evidente que diversos grupos utilizam as redes sociais para estruturação de relações socioculturais e identitárias, em que a ação política tem progressivamente se tornado uma experiência digitalmente mediada, como exemplificado pelos inúmeros protestos em massa que utilizaram as redes sociais para fomentar e organizar a ação política (Aouragh, 2011; Asthana; Havandjian, 2016; Bayat, 2009; Bishara, 2010; Cammaerts; Mattoni; Mccurdy, 2013; Lievrouw, 2011). A nomeação metonímica de diversos protestos por suas hashtags – #jan25 para as manifestações na Praça Tahrir

no Egito, #VemPraRua e #occupywallstreet, por exemplo – evidencia as profundas relações entre as plataformas digitais e as lógicas de ação coletiva.

A hashtag é uma ferramenta criada para filtrar e contextualizar discussões em ambientes digitais (Bruns; Burgess, 2015). Sua utilização para organizar e comunicar mobilizações sociais abriu espaço para a emergente literatura sobre ativismo de hashtag, refletindo sobre as maneiras fluidas de se engajar em ações políticas por meio dessa ferramenta (Hopke, 2015; Orlandini, 2019). Nesse sentido, as hashtags são uma importante ferramenta para o ativismo transnacional contemporâneo, enquanto a discussão sobre a validade e particularidade dessa forma de ativismo digital está fora do escopo deste trabalho.

Como Barassi (2015) apontou, os novos estudos da mídia como prática – especialmente ao refletir sobre a utilização da web por ativistas – desafiam o tecno-determinismo sobre a difusão e a agência das tecnologias na vida cotidiana, enfatizando as relações complexas entre as estruturas, os meios e as práticas comunicativas com a ação civil e política. Compreendeu-se, assim, que as plataformas digitais apresentam, em simultâneo, oportunidades e desafios para os movimentos sociais (Barassi, 2015). Ou seja, apesar das possibilidades de utilizar as novas tecnologias para incentivar, organizar e documentar a ação coletiva, essas plataformas também são atravessadas por novas formas de dominação e poder.

Alcântara e Bringel (2020) analisaram a evolução das redes transnacionais de ativismo a partir dos processos de transformação nos modos de ação política associados com as novas perspectivas sociocomunicativas presentes na web 2.0, enfatizando a necessidade de abordagens contextualizadas e aprofundadas. Postulou-se, em decorrência, uma abordagem contextual (Wolfsfeld; Segev; Sheaffer, 2013) para compreender a relação entre as plataformas digitais e o ativismo, compreendendo que cenários culturais, econômicos e políticos específicos implicam significativamente na maneira como os sujeitos se engajam e atuam nessas redes sociais. Como propõe José Candón-Mena (2010), optou-se por uma perspectiva que afastasse o binário apocalíptico-utópico para refletir sobre as possibilidades ativistas da internet, analisando as relações entre os repertórios utilizados pelos ativistas e a realidade sociopolítica experienciada por esses sujeitos a partir de contextos sociopolíticos e culturais específicos.

Khatib (2012) entende que a cultura política do Oriente Médio é também midiaticizada, isto é, os produtos culturais mediados ganham importância como referentes culturais, auxiliando na

manutenção de identidades e pautas sociopolíticas diversas. O ativismo digital palestino ocupa um lugar importante na formação desses produtos culturais mediados, configurando-se como ferramenta imprescindível para a construção e manutenção das identidades coletivas e para a ação política com ênfase no público transnacional (Allen, 2009; Aouragh, 2011; Asthana; Havandjian, 2016; de Vries *et al.*, 2017; Durante; Zhuravskaya, 2018; Tawil-Souri; Aouragh, 2014).

Compreende-se que o ativismo transnacional se refere a atividades políticas de contestação que, apesar de enraizadas em contextos nacionais e regionais específicos, inserem-se em redes transnacionais de contatos, ações coletivas e pautas sociopolíticas e culturais. Esse ativismo, de maneira geral, busca atrair uma opinião pública global favorável em que o espectador seja impelido a interceder junto a seus próprios governos em nome de questões locais de outros países (Keck; Sikkink, 1998). Nesse sentido, a questão palestina se imbrica com redes transnacionais de valores, ideologias e relações sociais (Collins, 2007). No panorama do conflito palestino-israelense, o movimento Boicote, Desinvestimento e Sanções (BDS)⁵ é a iniciativa mais coordenada e proeminente do ativismo transnacional (Hallward, 2013). Contudo, as formas contemporâneas dessa ação política têm se ampliado e diversificado, centradas, especialmente, na legitimidade da questão palestina para com o público internacional acerca de pautas como direitos humanos, liberdade e colonização (Collins, 2007).

Entretanto, tal utilização das redes sociais não pode ser desconectada do conflito palestino-israelense, pois envolve questões relativas ao cibercolonialismo⁶ e ao militarismo digital. Tawil-Souri e Aouragh (2014) argumentam que os espaços virtuais palestinos são diretamente impactados pelas restrições estruturais enfrentadas cotidianamente no panorama offline, provenientes da economia colonialista imposta aos territórios palestinos ocupados por Israel. Os autores chamam de cibercolonialismo (*cybercolonialism*) as diversas dificuldades impostas ao desenvolvimento do ativismo palestino. Além disso, Kuntsman e Stein (2015) demonstraram haver uma forte interação entre as mídias sociais e a política militarista israelense, fenômeno nomeado por eles como militarismo digital (*digital*

⁵ O movimento, baseado na experiência de luta contra o apartheid na África do Sul, objetiva empregar métodos não violentos baseados na pressão internacional pró-Palestina. Para mais detalhes sobre o movimento, veja Hallward (2013).

⁶ Consideramos o conceito de *cibercolonialismo* ancorado nas proposições de Tawil-Souri e Aouragh (2014), ligadas diretamente ao panorama palestino e outras comunidades que vivem sob restrições estruturais decorrentes do colonialismo. Logo, cabe ressaltar sua diferenciação de conceitos como *colonialismo de dados* e *capitalismo de vigilância* (Morozov, 2018; Zuboff, 2021), utilizados, especialmente, para refletir sobre o efeito das novas plataformas na sociedade ocidental.

militarism). O conceito descreve como as plataformas de comunicação digital e os processos de consumo e diálogo decorrentes se tornaram ferramentas militarizadas a partir de atores estatais e não estatais, impactando a sociedade em perspectiva militar, social e cultural. Assim, a difusão de imagens associadas ao ativismo palestino necessita de caráter mais persuasivo, tendo em vista as dificuldades técnicas relativas à produção e o compartilhamento, bem como a necessidade direta de disputar legitimidade diante ao militarismo digital israelense.

Atualmente a ação ativista pró-Palestina opera em constante diálogo entre as oportunidades de luta e controle, esforçando-se, apesar das pressões de cooptação, mercantilização e censura, para manter o potencial político da produção e circulação de imagens e narrativas insurgentes. As imagens são particularmente importantes para a comunicação entre diferentes culturas e países (Seo; Kinsey, 2012), e os palestinos têm utilizado sistematicamente a produção e circulação digital de imagens para persuadir o público internacional referente ao apoio a diferentes agentes do conflito.

A ênfase nas comunicações de natureza visual para este trabalho, portanto, decorre do entendimento de que as imagens – sempre abertas para processos de interpretação, negociação e rejeição – estão no cerne da luta política contemporânea (Khatib, 2012). Hochberg (2015) defende que há uma forte relação entre visão e poder, em que diversas vezes a visão se equipara com poder e dominação. Para o autor, ver e ser visto pode garantir o empoderamento político e, em simultâneo, operar como força de opressão. Ele aborda como as configurações visuais compõem os contornos pelos quais o conflito palestino-israelense é construído, seus mapeamentos, questionando a relação entre visível e invisível na produção de sentido. Nesse cenário, Hochberg aponta que a mídia americana e a europeia têm extensivamente mobilizado cenas gráficas de morte e sofrimento palestino, em enquadramentos quase voyeuristas. Como a diretora Azza El-Hassan (2001 *apud* Hochberg, p. 115, 2015, tradução nossa) apontou: “Neste país, todos nós somos filmados. As câmeras estão funcionando o tempo todo, gravando cada movimento que fazemos. Câmeras vêm de todo o mundo: da França, Itália, Alemanha e outros lugares. Dizem que damos boas notícias”. Assim, a extensiva presença de atores estrangeiros nos territórios palestinos ocupados tornou os relatos testemunhais de sofrimento a principal maneira pela qual os palestinos eram representados pela comunidade internacional (Allen, 2009). Hochberg (2015) aponta para a dinâmica de exploração dessas violências enquanto produção de notícias apelativas, em que o olhar global aprofunda o cenário de constante vigilância pela qual os palestinos estão submetidos cotidianamente.

Além disso, como Faulkner, Vis e D’Orazio (2017) demonstram, a popularização de plataformas centradas na imagem, associadas à circulação de imagens em outras plataformas e mídias sociais, produziram um grande aumento na circulação e importância delas nas investigações sobre as mídias contemporâneas. Por meio das redes sociais digitais, as imagens de dissidência política e protesto podem atravessar fronteiras, enfatizando a possibilidade de transnacionalização das comunicações globais de protesto via internet (Cottle, 2011), empoderando a agência ao capacitar os cidadãos a produzirem metanarrativas políticas, sociais e culturais (Khatib, 2012). Portanto, para compreender as maneiras pelas quais o ativismo palestino se desenvolve é importante reconhecer como as condições sociopolíticas, culturais e econômicas são construídas, significadas e consolidadas pelas representações visuais (Hall, 2016).

Procedimentos metodológicos

Este trabalho se configura como uma pesquisa qualitativa, cujo objetivo é interpretar a mobilização visual de referências à causa palestina em decorrência de questionamentos sobre a cobertura midiática e atenção de agentes políticos do conflito russo-ucraniano em desenvolvimento. Com esse artigo, propõe-se também contribuir com as pesquisas que buscam compreender como os ativistas utilizam as ferramentas disponibilizadas pelo Twitter, contornando problemas relativos ao imediatismo e individualismo (Barassi, 2015; Sodré, 2021) presentes nessas redes, a partir do estudo do caso específico da difusão da causa palestina em relação ao conflito na Ucrânia. A análise dessas comunicações em menor escala possibilita obter uma noção mais detalhada, em que as imagens que circulam nas mídias sociais são relacionadas com outros processos culturais e políticos (Faulkner; Vis; D’Orazio, 2017). Articulam-se análises formais do conteúdo simbólico e dos contextos históricos para o estudo.

Para tanto, foram levantadas imagens compartilhadas no Twitter com a utilização da hashtag *#palestine* ao longo do primeiro mês de conflito (24 de fevereiro a 24 de março de 2022) por meio da ferramenta de busca simples. A partir disso, a seleção do corpus foi estruturada a partir de três registros, em que as imagens: (1) mobilizaram referências ao conflito russo-ucraniano; (2) compararam cobertura midiática e atenção de agentes políticos relativa à palestina; e (3) foram compartilhados ao longo do recorte temporal citado. Tal recorte objetiva conferir sincronicidade, homogeneidade e relevância para o material a ser estudado, como proposto por Barthes (Bauer; Aarts,

2008). As hashtags presentes em grande parte das comunicações enquadradas no corpus de pesquisa foram: *#Ukraine*, *#RussianInvasion* e *#RussiaUkraineWar*. Apesar disso, é importante mencionar que nenhuma dessas foi ativamente buscada. Ou seja, estas aparecem nas comunicações analisadas devido à profunda articulação dos produtores com a hashtag *#palestine*.

Para a documentação dos resultados foram utilizadas, simultaneamente, duas ferramentas: a captura de tela para o registro pontual, com ênfase no recorte, possibilitando a inclusão das imagens analisadas no corpo deste artigo, e a ferramenta Web Archive⁷, que preserva a página como forma de oferecer maior credibilidade, ao afastar a possibilidade de adulteração desse material. As capturas realizadas na ferramenta estão disponíveis para consulta⁸.

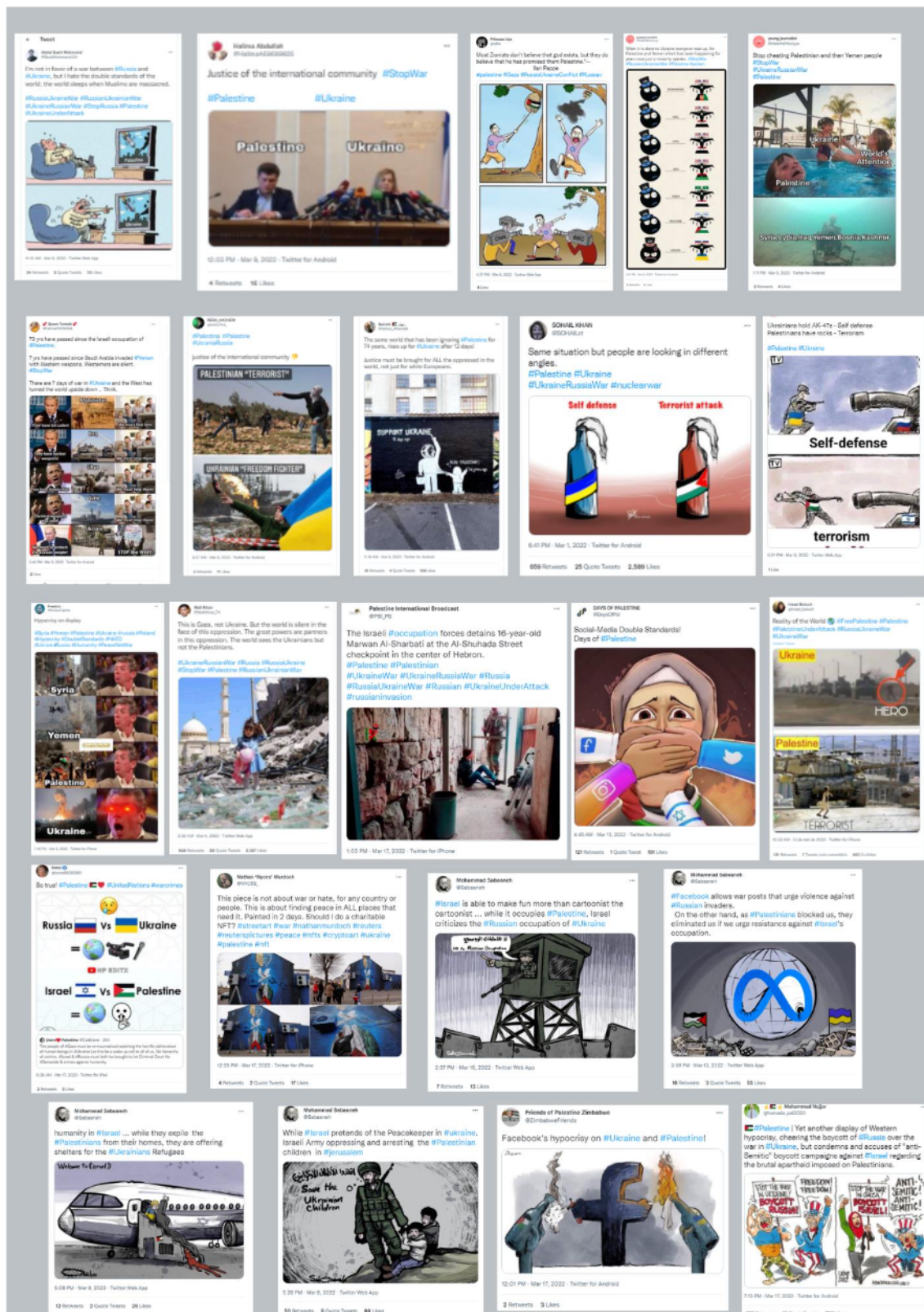
As imagens foram analisadas combinando as propostas de Edmund Feldman (1980; 1981 *apud* Barbosa, 2020) e Robert William Ott (1997), que são observadas em quatro etapas: (1) descrição dos elementos evidentes; (2) observação da composição visual, estabelecendo relação entre elas; (3) consideração do contexto de produção; e (4) constatação da mensagem estruturada pelo seu produtor. O texto da legenda, quando presente, foi analisado posteriormente, verificando os encaminhamentos ideológicos e culturais pretendidos pelo sujeito que compartilhava tais imagens. Além disso, para este artigo também foi adotada uma abordagem de teoria fundamentada, estruturada a partir do método comparativo constante.

⁷ Disponível em: <<https://web.archive.org/>>. Acesso em 22 abr. 2022.

⁸ Disponível em:

<https://web.archive.org/web/*/https://twitter.com/search?q=%23palestina&src=typed_query&f=image> Acesso em 22 abr. 2022.

Figura 2 - Imagens analisadas no Twitter com a hashtag #palestine entre 24 de fevereiro a 24 de março de 2022



Fonte: Elaboração própria.

De um total de 56 imagens levantadas, descartando as redundâncias, 23 foram analisadas (Figura 2). Os resultados obtidos foram organizados em torno de três eixos: (1) reflexões sobre a atenção midiática e a maneira como a mídia aplica significados distintos a cenários de conflito; (2) a hipocrisia do ocidente e de Israel em relação ao apoio à Ucrânia e ao discurso sobre o conflito; e (3) a mobilização estratégica de notícias específicas sobre a Palestina pela associação com a hashtag #Ukraine, possibilitando alargar o público-alvo dessas postagens.

Resultados das imagens analisadas

Eixo um: a atenção midiática e a mídia como significação

Ao longo do levantamento, os memes ocuparam uma importante parcela das imagens compartilhadas para refletir sobre o conflito na Ucrânia. Estes utilizam humor e sarcasmo ao mobilizar a imagem para discutir a grande diferença em relação à atenção midiática para a Ucrânia em comparação com a Palestina. Além disso, um grafite registrado mobiliza o personagem Handala, criado pelo cartunista Naji al-Ali, símbolo da causa palestina (Haugbolle, 2013). Assim, é recorrente a demanda à solidariedade internacional, simultaneamente, para com os palestinos e os ucranianos, em que a paz ocupa posição central. Uma importante manifestação dessa natureza é o grafite produzido por Nyces. Mãos se estendem com as palmas viradas para cima, pintadas com as bandeiras palestina, na parte inferior, e ucraniana, na superior. O autor enfatiza, com a pomba branca, que sua produção tematiza a paz. Além disso, o grafite relaciona o panorama palestino ao ucraniano, reivindicando que a comunidade internacional ofereça apoio semelhante aos dois povos.

Em alguns casos, duas cenas são coladas em comparação. Apesar das cenas utilizadas nos diferentes quadros das comunicações serem semelhantes, há uma diferença substancial nelas: a legenda enquadra os palestinos como terroristas e os ucranianos como combatentes da liberdade, em que suas ações são encaradas como autodefesa. Em tal perspectiva, a estratégia utilizada objetiva enfatizar como ações semelhantes são enquadradas com termos distintos a depender de interesses e ideologias da mídia. A atenção internacional é questionada a partir do entendimento de duas distintas perspectivas de representação, em questão de presença e visibilidade, mas, principalmente, de significados implicados a esses povos.

Dessa forma, compreendemos que tais imagens não demandam apenas a atenção da mídia, mas também apoio e solidariedade, enquanto enfatizam o papel da mídia como “prática significativa” (Hartley, 2012). A mobilização de entendimento relativo a essa significação evidencia como “a representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura” (Hall, 2016, p. 31). A utilização desse repertório também objetiva impelir o espectador a questionar tais enquadramentos midiáticos, estimulando a reflexão sobre o panorama de conflito palestino a partir da semelhança com novos eventos de grande repercussão. Os ativistas buscam acessar e impactar redes transnacionais de apoio a partir da construção de legitimidade à causa palestina, associando-a com o conflito na Ucrânia. Busca-se o empoderamento político pela representação midiática. Por meio da elaboração de repertório de comparação entre ações semelhantes, enfatiza-se como a mídia enquanto prática de significação é parte essencial nos processos políticos contemporâneos.

Eixo dois: a hipocrisia política do ocidente e de Israel

Outro importante enquadramento encontrado neste estudo apresenta críticas à diferença de atitude do ocidente em relação ao conflito na Ucrânia em comparação com o Oriente Médio. Essas críticas apontam a hipocrisia política dos Estados Unidos da América, da Organização das Nações Unidas (ONU), de Israel⁹ e até de plataformas de mídias sociais, especialmente o Facebook. Essas imagens criticam o viés da comunidade internacional na maneira que lida com os conflitos recentes, enquadrando duas atitudes distintas para atos de natureza semelhante. Nessa abordagem, ações análogas são tomadas em perspectivas díspares a depender de quais agentes políticos estão envolvidos, assim como suas respectivas posições no jogo político internacional.

De maneira semelhante, o cartunista Mohammad Sabaaneh produziu e compartilhou em seu perfil no Twitter uma charge com crítica explícita à hipocrisia israelense em relação ao apoio à Ucrânia, e utilizou as hashtags dos países envolvidos nas imagens. A abordagem é evidenciada pelo posicionamento do soldado, associado à torre de vigia, à arma e ao muro, enquanto agente de ocupação na Palestina, e sua preocupação em demonstrar apoio aos ucranianos, ignorando sua própria posição de violência e opressão. Além disso, as críticas também contêm um enquadramento maior,

⁹Ainda que Israel não possa ser enquadrado geograficamente como ocidente, é evidente o entendimento de ativistas da causa palestina do país como uma entidade representante dos interesses colonizadores do ocidente na região.

tendo em vista a intenção do Estado israelense de se colocar como um agente mediador (Marrow, 2022) do conflito na Ucrânia, apesar das falhas históricas em estruturar um acordo de paz duradouro com a Palestina. O duplo enquadramento linguístico evidencia o interesse simultâneo na comunidade regional e no público transnacional.

Apenas algumas semanas após a deflagração do conflito na Ucrânia, conversas internas da Meta reveladas pela Reuters (Vengattil; Culliford, 2022) demonstraram que a empresa havia liberado no Instagram e Facebook discursos de ódio e incitação à violência contra os russos. Essa divulgação repercutiu de maneira imediata nas comunicações visuais analisadas. A personificação do logotipo da plataforma também compõe essa estratégia. A agência da plataforma tem duas configurações antagônicas: enquanto auxilia os combatentes ucranianos, silencia e ignora o ativismo palestino. As produções apontam, novamente, para ações de natureza distinta em relação aos conflitos travados na Ucrânia e na Palestina.

A partir de críticas à hipocrisia envolvida na cobertura midiática e, especialmente, nas relações geopolíticas envolvendo o conflito russo-ucraniano em comparação à Palestina, tais comunicações enfatizam a necessidade de apoio baseado em ações concretas para construção da paz. Nesse sentido, enfatiza-se como os discursos propagados por esses agentes relativos à defesa da liberdade, soberania e aos direitos humanos podem ser manipulados de modo a atender apenas seus interesses, enquadrando situações semelhantes em perspectivas distintas. Demanda-se que seu espectador questione as lideranças internacionais sobre como tais pautas são usadas de modo a respaldar seus próprios interesses de forma arbitrária.

Eixo três: notícias sobre a Palestina

Apesar de estar fora do corpus deste estudo, cabe destacar a incidência da disseminação de notícias sobre a Palestina. Com menor ocorrência do que as categorias analisadas anteriormente, com apenas uma expressão dessa natureza no escopo de observação, a mobilização de *#palestine* foi associada a outras hashtags ligadas ao conflito russo-ucraniano – como *#Ukraine*, *#RussianInvasion* e *#RussiaUkraineWar* – para divulgar notícias sobre a Palestina ou sobre a causa nacional. Essa utilização evidencia a mobilização estratégica da lógica algorítmica presente no Twitter – associada à utilização das hashtags – para infiltrar a questão palestina em círculos de debates contemporâneos.

Nessa comunicação, a fotografia foi a única linguagem imagética utilizada, tendo em vista o interesse de aplicar veracidade à notícia, associada à lógica da evidência visual (Mortensen, 2014; Sontag, 2012). No registro podemos observar o relato da prisão de um jovem de 16 anos pelas Forças de Defesa Israelense (IDF, sigla em inglês). A imagem é um registro fotográfico da referida prisão, em que um jovem está sentado no chão com as mãos amarradas para trás. Ao seu lado, em pé, há um soldado com um fuzil.

Essa mobilização evidencia o entendimento por parte dos ativistas de como a lógica algorítmica das plataformas digitais incita as relações de imediatismo e individualismo associadas às bolhas virtuais. Portanto, tal observação se demonstrou relevante para a composição de uma análise mais ampla, ainda que breve, apontando também para possíveis enquadramentos futuros de continuidade da pesquisa sobre o tema.

A Palestina vista a partir da guerra na Ucrânia

Partindo das reflexões propostas por Hochberg (2015), argumenta-se que não é possível enquadrar as demandas analisadas neste estudo apenas como atenção midiática internacional. Isto é, para além da atenção da mídia, centrada na visibilidade do sofrimento do povo palestino enquanto elemento principal do ativismo, a reivindicação das imagens analisadas evidencia como são significadas. Enquanto o sofrimento palestino é frequentemente associado a discursos de incivilidade e terrorismo, em que os cidadãos palestinos vitimados são incapazes de compreender criticamente esses eventos ou de se organizar politicamente para evitá-los (Hochberg, 2015), os ucranianos foram enquadrados como heróis exemplares de resistência nacional. As imagens questionam os modos dominantes de representação e significação, negando-se a aceitar passivamente esses distintos enquadramentos. Para além do sofrimento espetacularizado, os ativistas da causa palestina querem que as imagens desse sofrimento e engajamento online impulsionem uma tomada de posição internacional favorável às suas demandas.

A utilização de imagens para enfatizar a causa palestina também conecta a questão a temas mais amplos, articulando críticas às plataformas, à mídia internacional e aos agentes da política e do direito internacional. Como Collins (2007) demonstrou, a questão palestina tem posição de destaque nos discursos ideológicos contemporâneos, principalmente em temas como conflito, direitos humanos e

colonização. Logo, as imagens apontam para a articulação desses temas com questões contemporâneas de relevância, em que o conflito na Ucrânia se apresentou como um processo que possibilita relembrar o público da questão palestina.

No enquadramento deste artigo, a relação dialética das plataformas enquanto oportunidade e desafio para os movimentos sociais, evidenciou-se pela utilização das hashtags relevantes para a discussão digital do conflito ucraniano. De modo a desafiar o imediatismo e o individualismo, há em vista a possibilidade de (re)inserir a questão palestina no debate, extrapolando as bolhas digitais de interesse. Esse processo de negociação tende a ser sazonal. A articulação da questão palestina com temas de relevância internacional varia de acordo com os temas que emergem no debate realizado nessas plataformas –por exemplo, o conflito na Ucrânia ou o movimento do *Black Lives Matter*, de grande difusão no segundo semestre de 2021 –, observando as correlações que podem ser utilizadas para estabelecer paralelos e, a partir disso, demandar apoio e solidariedade internacional. Portanto, é evidente a maneira pela qual essas práticas ativistas de mídia se adaptam, articulando questões da atualidade imediata, referências culturais, a exemplo da utilização do personagem Handala, e projetos políticos específicos, enquanto negociam com as lógicas algorítmicas que têm dominado as plataformas de mídias digitais contemporaneamente.

De maneira semelhante, outras imagens utilizam emojis¹⁰ para realizar as mesmas críticas. A utilização desses repertórios majoritariamente visuais denota como a cultura visual está em constante diálogo entre o global e o local. Assim, foi possível observar elementos provenientes da cultura palestina, como o personagem Handala ou a mobilização do imaginário do lançador de pedras, central para a construção visual e discursiva do ativismo palestino desde a Primeira Intifada. Apesar disso, esses elementos aparecem intimamente articulados com signos conotativos ou de grande difusão na cultura visual global, como a pomba da paz ou o logotipo da empresa Facebook.

A utilização política dos memes, como apontado por Miltner (2017), reflete as ansiedades e preocupações dessa comunidade, circulando ideias e discursos por meio de sátira e ironia. Os memes podem ser compreendidos como unidades de cultura popular que são circuladas, imitadas e (re)significadas pelos usuários, estruturando a possibilidade de uma experiência cultural e comunicativa compartilhada. Os memes analisados nesta pesquisa articulam essa perspectiva crítica

¹⁰ Veja um exemplo em: <<https://twitter.com/irene89383961/status/1504437089420693506>>. Acesso em 11 abr. 2022.

com fotografia, desenho digital e emojis em estruturas paralelas que enfatizam a comparação e estruturam o conteúdo, refletindo sobre a atenção e o viés midiático, a solidariedade internacional e a hipocrisia de diferentes agentes sociopolíticos. A codificação dessas imagens, associadas à postura que os produtores adotam enquanto estrutura comunicativa, em geral, utiliza elementos facilmente reconhecíveis de modo a diminuir os possíveis ruídos, oferecendo maior estabilidade para o processo comunicativo, tendo em vista o interesse de atingir públicos amplos. A utilização desses memes pelos ativistas da causa palestina tem sua principal ênfase no conteúdo das comunicações, nas ideias e ideologias transmitidas por elas.

Considerações finais

Ao longo deste estudo foi possível observar a sazonalidade das reflexões visuais, tendo em vista que a partir da terceira semana de observação o conflito ucraniano apresentou menor prevalência na *#palestine* no Twitter¹¹. Essa alteração decorre da flutuação dos assuntos de interesse dos ativistas da causa palestina, como a comemoração do aniversário de morte da ativista Rachel Corrie e novos eventos de violência deflagrados contra palestinos. Além disso, com a progressiva decaída da atenção do público internacional, tendo em vista a extensão temporal do conflito¹², a mobilização da questão palestina por meio das hashtags ligadas ao conflito também diminuiu. No entanto, não se desconsiderou a possibilidade de novas variações desse cenário diante das variações do próprio conflito. Novas declarações de agentes políticos, jornalistas e a possível configuração da resolução do conflito também podem incentivar novas ondas de comunicações dessa natureza. Cabem aqui pesquisas futuras, após a resolução do conflito, para analisar essas flutuações compondo um cenário mais amplo.

¹¹ Documentação desse panorama disponível em:

<https://web.archive.org/web/20220324233415/https://twitter.com/search?q=%23palestine&src=typed_query&f=image> e

<https://web.archive.org/web/20220330221422/https://twitter.com/search?q=%23palestine&src=typed_query&f=image>. Acesso em 13 out. 2022.

¹² Ao longo do recorte temporal proposto para este trabalho, observou-se que a partir da terceira semana de março as publicações sobre a guerra na Ucrânia se concentravam em documentar os eventos factuais do conflito e as respectivas posições dos diferentes agentes internacionais. Nesse sentido, publicações debatendo o conflito e suas causas, bem como a cobertura midiática, tornaram-se menos frequentes.

Dessa forma, este estudo não se propõe a construir uma imagem geral e fixa sobre as maneiras como os palestinos refletiram e comunicaram transnacionalmente a questão palestina a partir do conflito na Ucrânia, mas observar os primeiros enquadramentos dessa natureza, dada a natureza inaugural dessas comunicações, imediatamente após sua deflagração. Observamos como os ativistas da causa palestina prontamente refletiram sobre o conflito e as configurações iniciais refletem a ansiedade pela atenção da mídia e dos agentes políticos internacionais enquanto significação pró-Palestina. Essas comunicações evidenciam o entendimento de dois padrões de sentido construídos pela mídia ocidental para atos de natureza semelhante, em que as declarações de D'Agata foram um exemplo contemporâneo empírico desses padrões.

A plataforma foi sistematicamente utilizada para participação política, ainda que os efeitos disso na audiência não estejam claros. Essa mobilização estratégica se evidencia tanto pela utilização da hashtag e de textos em inglês, explicitando o interesse potencial no público transnacional, e a mobilização de palavras-chave e hashtags ligadas ao contexto do conflito russo-ucraniano para inserir a questão palestina em diferentes debates, ampliando o público potencial dessas comunicações. As implicações do cibercolonialismo e do militarismo digital impelem uma atuação política extensiva por parte dos palestinos, para quem as plataformas, apesar dos desafios apresentados, são uma ferramenta essencial de propaganda e disseminação da causa nacional.

Nesse cenário, a mobilização de mensagens que articulam a realidade palestina, enfatizando seu prolongamento temporal a questões da atualidade, relembram o público como sentimentos e ideologias semelhantes podem conjuntamente estruturar uma solidariedade internacional contra violências e violações de direitos humanos. As imagens analisadas são um importante mecanismo para negar os enquadramentos de significado existentes sobre o sofrimento e ativismo palestino, demandando uma tomada de posição do público transnacional pró-Palestina.

Referências

ALCÂNTARA, Livia; BRINGEL, Breno. Dos zapatistas aos indignados: mudanças na geopolítica das solidariedades transnacionais. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 41, pp. 1-18, 2020.

ALLEN, Lori. Martyr bodies in the media: Human rights, aesthetics, and the politics of immediation in the Palestinian intifada. *American Ethnologist*, v. 36, n. 1, pp. 161-180, 2009.

ALPER, Meryl. War on Instagram: Framing conflict photojournalism with mobile photography apps. *New Media & Society*, v. 16, n. 8, pp. 1233-1248, 2014.

AOURAGH, Miriyam. Palestine online: Transnationalism, the Internet and the construction of identity. London: IB Tauris, 2011.

ASTHANA, Sanjay; HAVANDJIAN, Nishan. Palestinian youth media and the pedagogies of estrangement. New York: Palgrave Macmillan, 2016.

BARASSI, Veronica. Activism on the web: Everyday struggles against digital capitalism. New York: Routledge, 2015.

BARBOSA, Ana. A imagem no ensino da arte. São Paulo: Perspectiva, 2020.

BAUER, Martin; AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (eds.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2008. pp. 39-63.

BAYAT, Asef. Life as Politics: How Ordinary People Change the Middle East. Redwood City: Stanford University Press, 2009.

BAYOUMI, Moustafa. They are 'civilised' and 'look like us': the racist coverage of Ukraine, *The Guardian*, 2 mar. 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/mar/02/civilised-european-look-like-us-racist-coverage-ukraine>. Acesso em 11 de abr. de 2022.

BISHARA, Amahl. New media and political change in the Occupied Palestinian territories: Assembling media worlds and cultivating networks of care. *Middle East Journal of Culture and Communication*, v. 3, n. 1, pp. 63-81, 2010.

BRUNS, Axel; BURGESS, Jean. Twitter hashtags from ad hoc to calculated publics. In: RAMBUKANA, Nathan (ed.). Hashtag publics: The power and politics of discursive networks. New York: Peter Lang, 2015. pp. 13-28.

CAMMAERTS, Bart; MATTONI, Alice; MCCURDY, Patrick. Mediation and Protest Movements. Bristol: Intellect, 2013.

CASTELLS, Manuel. Communication Power. Oxford: Oxford University Press, 2009.

CHOULIARAKI, Lilie. Digital witnessing in conflict zones: The politics of remediation. *Information, Communication & Society*, v. 18, n. 11, pp. 1362-1377, 2015.

COLLINS, John. Global Palestine: A collision for our time. *Critique: Critical Middle Eastern Studies*, v. 16, n. 1, pp. 3-18, 2007.

COTTLE, Simon. Media and the Arab uprisings of 2011. *Journalism*, v. 12, n. 5, pp. 647-659, 2011.

DE VRIES, Maya; KLIGLER-VILENCHICK, Neta; ALYAN, Eman; MA'OZ, Moshe; MAOZ, Ifat. Digital contestation in protracted conflict: The online struggle over al-Aqsa Mosque. *The Communication Review*, v. 20, n. 3, pp. 189-211, 2017.

DURANTE, Ruben; ZHURAVSKAYA, Ekaterina. Attack when the world is not watching? US news and the Israeli-Palestinian conflict. *Journal of Political Economy*, v. 126, n. 3, pp. 1085-1133, 2018.

FAULKNER, Simon; VIS, Farida; D'ORAZIO, Francesco. Analysing Social Media Images. In: BURGESS, Jean; MARWICK, Alice; POELL, Thomas (ed.). *The SAGE handbook of social media*. Thousand Oaks Sage, 2017. pp. 159-178.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: PUCRJ, 2016.

HALLWARD, Maia. *Transnational activism and the Israeli-Palestinian conflict*. Berlin: Springer, 2013.

HAUGBOLLE, Sune. Naji al-ali and the iconography of Arab secularism. In: GRUBER, Christiane; HAUGBOLLE, Sune (org.). *Visual Culture in the Modern Middle East: Rhetoric of the image*. Bloomington: Indiana University Press, 2013. pp. 231-255.

HARTLEY, John. *Communication, cultural and media studies: The key concepts*. London: Routledge, 2012.

HOCHBERG, Gil. *Visual occupations: violence and visibility in a conflict zone*. Durham: Duke University Press, 2015.

HOPKE, Jill. Hashtagging politics: Transnational anti-fracking movement Twitter practices. *Social Media + Society*, v. 1, n. 2, pp. 1-12, 2015.

JENKINS, Henry. *Convergence Culture: Where Old and New Media Collide*. 2nd ed. New York: New York University Press, 2008.

KECK, Margaret.; SIKKINK, Kathryn. *Activists beyond borders: Advocacy networks in international politics*. Ithaca: Cornell University Press, 1998.

KHATIB, Lina. *Image politics in the Middle East: The role of the visual in political struggle*. New York: Bloomsbury Publishing, 2012.

KUNTSMAN, Adi; STEIN, Rebeca. *Digital Militarism: Israel's Occupation in the Social Media Age*. Redwood City: Stanford University Press, 2015.

LIEVROUW, Leah. *Alternative and activist new media*. Cambridge: Polity, 2011.

MARROW, Alexander. Russia says Israel offered to mediate in Ukraine crisis. Reuters, 27 fev. 2022. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/middle-east/israel-sends-aid-ukraine-pm-stays-quiet-possible-mediation-role-2022-02-27/>. Acesso em 13 out. 2022.

MCCHESENEY, Robert. *Digital Disconnect*. New York: The New Press, 2013.

MILTNER, Kate. Internet Memes. In: BURGESS, Jean; MARWICK, Alice; POELL, Thomas (ed.). *The SAGE handbook of social media*. Thousand Oaks: Sage, 2017. pp. 412-428

MOROZOV, Evgeny. *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Ubu, 2018

MORTENSEN, Mette. Journalism and eyewitness images: Digital media, participation, and conflict. New York: Routledge, 2014.

ORLANDINI, Maiara. Ativismo de sofá ou participação política? Os processos de politização do ativismo por hashtag. Revista Mediação, Minas Gerais, v. 22, n. 29, pp. 133-151, 2019.

OTT, Robert. Ensinando crítica nos museus. In: BARBOSA, Ana (org.). Arte-educação: Leituras no subsolo. São Paulo: Cortez, 1997.

RODRIGUEZ, Clemencia. Civil Society and Citizens Media: Peace Architects for the New Millennium. In: WILKINS, Karin. (org.) Redeveloping Communication for Social Change: Theory, Practice, and Power. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2000. pp. 147-160.

SAID, Edward. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SEO, Hyunjin; KINSEY, Dennis F. Meaning of democracy around the world: A thematic and structural analysis of videos defining democracy. Visual Communication Quarterly, v. 19, n. 2, 2012. pp. 94-107.

SODRÉ, Muniz. A sociedade incivil: mídia, iliberalismo e finanças. Petrópolis: Vozes, 2021.

SONTAG, Susan. Diante da dor dos outros. São Paulo: Editora Companhia das Letras, Versão digital, 2012.

TAWIL-SOURI, Helga; AOURAGH, Miriyam. Intifada 3.0? Cyber colonialism and Palestinian resistance. The Arab Studies Journal, v. 22, n. 1, pp. 102-133, 2014.

VENGATTIL, Munsif; CULLIFORD, Elizabeth. Facebook allows war posts urging violence against Russian invaders. Reuters, 11 de mar. 2022. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/europe/exclusive-facebook-instagram-temporarily-allow-calls-violence-against-russians-2022-03-10/> Acesso em 19 maio 2022.

WALTZ, Mitzi. Alternative and Activist Media. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2005.

WHITE, Nadine. The racial bias in western media's Ukraine coverage is shameful. Independent, 28 fev. 2022. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/voices/ukraine-refugees-racial-bias-western-media-b2024864.html> Acesso em 11 abr. 2022.

WOLFSFELD, Gadi; SEGEV, Elad; SHEAFER, Tamir. Social media and the Arab Spring: Politics comes first. The International Journal of Press/Politics, v. 18, n. 2, pp. 115-137, 2013.

ZUBOFF, Shoshana. A era do capitalismo de vigilância. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

Sobre as autoras

Daniela Osvald Ramos é doutora e mestre Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (ECA/USP), graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora de Novas Tecnologias da Comunicação na Sociedade Contemporânea e Teorias da Comunicação no curso de Educomunicação no Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo, em Regime de Dedicação Integral à Docência e Pesquisa (RDIDP). Coordenadora do grupo de pesquisa OBCOM - Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura.

Vitória Paschoal Baldin é mestranda em Ciências da Comunicação (PPGCOM-ECA) pela Universidade de São Paulo. Bacharel em História da Arte pela Universidade Federal de São Paulo (2021).

Data de submissão: 12/01/2023

Data de aprovação: 02/05/2023